

PAULO DE MOURA MARQUES



Paulo de Moura Marques,
sócio fundador, coordenador da área de prática de Direito Público da AAMM – Sociedade de Advogados

Confesso a predilecção pelos autores de língua ibérica. Sempre foi assim. A minúcia da língua ibérica sempre me pareceu favorecer a boa escrita. Com razão somos mais influenciados pelos livros da nossa juventude. O percurso de formação da personalidade é também formado pela junção de experiências e a leitura traz-nos essas experiências, esses ensinamentos. Não tinha particular gosto pelas leituras impostas pelos programas curriculares, entendia-as como uma invasão da minha liberdade de ler.

Por esses dias, a obra de referência era “Os Maias” que, com a sua densidade, retirava ao estudante a última gota de vontade de satisfazer o seu palato pela boa literatura, tal o exercício analítico que nos brindavam durante meses a

fio. Em afirmação de uma autonomia, interessei-me por Eça de Queiroz. A sua história pessoal era interessante e a sua visão do mundo, que transportava para livros como para crónicas, mordaz, sarcástica, genial. O seu interesse pelo Egipto antigo, como o meu, fixou-me o olhar. E a obra literária veio atrás. Um homem é, também, a sua prosa. Na altura recomendaram-me que, querendo ler a sua obra, começasse pela “Cidade e as Serras”, perguntei o porquê. Disseram-me que confiasse. Assim fiz.

Esta é a história do Jacinto de Tormes, homem de importância na capital do mundo dessa era – Paris – rodeado na sua secretária de todo o tipo de apetrechos para tratar correspondência, seguro de que encontrara o topo

da civilização. Jacinto é caracterizado como o mais desapegado possível às suas origens, nada vendo em Portugal de interesse, e mantendo a ideia de que tudo de bem se concentra em França. Eça de Queiroz interpreta, no melhor da sua finesse, um estereótipo nacional que se manteve até final dos movimentos migratórios dos anos 60 e 70; o do emigrante bem sucedido que se afirma pela renúncia às origens. Esta obra extrema os nossos limites da compreensão. Traduz uma percepção do “nós” portugueses noutras paragens e capta como efectivamente somos. Parecia-me de um realismo extremo que alguém, no séc. XIX conseguisse prever como nos continuaríamos a comportar no século seguinte. E com total aplicação.

Noutra passagem, Eça que aí se assume narrador, como voz da sensatez, atira que “toda a nossa cultura vem encaixotada de França”, se bem me recorde a propósito dos muitos caixotes que Jacinto transporta com livros no seu regresso a Portugal. Também esta lição se tornou intemporal. Com pequenas adaptações poderemos hoje dizer “todá a nossa cultura financeira vem por email da Grã-Bretanha”. Não é difícil perceber como uma obra destas impressiona um jovem. A visão de Eça não é comum e a capacidade narrativa é exclusiva. Eça é um virtuoso. Reencontrei Eça nas obras seguintes.

Este texto foi escrito ao abrigo do anterior acordo ortográfico.